

Stop-motion

André Macedo¹

Professor dos cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema de Animação da UFPel

A exemplo das outras publicações da coleção Animação Básica, da editora Bookman, o livro *Stop-motion* vem atender a uma carência de referências literárias específicas nesta área, carência esta cada vez mais suprida por publicações de qualidade. Afinal, o que é *stop-motion*? Em meio à fragilidade teórica em que acontece o debate dos conceitos em animação, é esta pergunta que norteia a proposta do livro. Não é uma resposta definitiva, mas é definitivamente algo que vai muito mais além do fato de criar a ilusão do movimento ou mesmo da simples manipulação de um objeto sólido.

A primeira indicação da qualidade do livro está no seu autor. A experiência de mais de 30 anos de Barry Purves atesta a veracidade e eficácia dos conceitos abordados. Ele é conhecido como um dos mais importantes animadores ingleses por conta de filmes como *Rigoletto* (1993), pelos prêmios internacionais, pela sua atuação na área da educação e pelas publicações como o livro *Stop Motion: Passion, Process and Performance*, lançado pela Focal Press em 2008. Purves, desta vez, traz uma obra cujas características apontam para o fato de ter sido feita como uma obra de *stop-motion*: apaixonada, trabalhosa, meticulosa, detalhista, sintética e com uma grande quantidade de esforço.

As 200 páginas do livro *Stop-motion* de Barry Purves, oferecem bem mais do que indica a definição de que seja para iniciantes. Nas suas páginas, encontramos uma grande variedade de indicações filmicas, referências culturais, estímulos criativos e uma declarada paixão pela animação em *stop-motion*. São esses os aspectos que fazem deste livro uma estimulante ferramenta para qualquer pessoa envolvida em animação.

Através dele, Purves usa referências históricas que indicam um pensar contido no processo criativo que culmina na evolução de componentes linguísticos como luz, cor, edição e textura. A praticidade da



Stop-motion. Barry Purves, Bookman, 2011

diagramação permite acesso fácil à preciosa informação ali disponível. O design inteligente incorpora conceitos visuais de leitura retirados do universo da TV e da internet. Suas páginas possuem várias janelas, legendas informativas, fotos, glossários com explicações de termos-chaves, citações de animadores que são referências na área, sugestões de exercícios e dicas criativas. Por exemplo, no capítulo 2, “Concentrando-se na ideia”, encontramos uma janela com a descrição das três unidades de Aristóteles (ação, espaço e tempo). O autor relaciona assim conceitos do teatro, ousando uma associação que auxilia a entender os mecanismos narrativos que caracterizam a linguagem da animação, em especial a animação em *stop-motion*.

Nele encontramos imagens de filmes com legendas esclarecedoras como: *The Tale of the Fox* de Ladislav Starewicz, 1930; *Life's a Zoo* da Cuppa Coffee Studios, 2008, *Coraline* de Henry Selick, 2009; *The Astronomer's Sun* de Jessica Cope, 2010; *King Kong* de Willis O'Brien, 1933; *Mary Poppins* de Robert Stevenson, 1964 e *Balance dos irmãos Lauenstein*, 1989. Encontramos também glossários que explicam, por exemplo, termos como prosa, peripeteia, fábula, alegoria e Animatrônica.

Neste mesmo capítulo, Purves sugere exercícios de como utilizar os “sonhos” pessoais de cada um de nós como objeto de inspiração para criação de histórias de animação. Sugere também a utilização da síntese analítica de histórias já existentes, análise que deve funcionar como um filtro dos elementos essenciais do que deve ser contado. Esta é uma característica fundamental de obras de animação, sendo que o fato de ser destacado através de exercícios práticos torna a leitura realmente instigante.

Na terceira parte do livro, o autor destaca a importância dos bonecos, desde o design específico, incluindo a escolha adequada do material de prototipia, até a implicação precípua do movimento em si. Vale o destaque para as possibilidades oferecidas na articulação dos bonecos bem como na ênfase expressiva que cada material utilizado carrega. Drama, tensão e humor podem ser transmitidos por meio de pedaços de metal, madeira, tecido, silicone e massinha. Mais adiante, ele enfatiza as escolhas das armaduras e da construção de cabeças como parte fundamental para ênfase significativa no controle do movimento.

¹ andremacedo@andremacedo.com.br

No capítulo 4, “Preparativos”, o autor destaca a importância do planejamento e da logística adequada para uma gravação sem sobressaltos, antecipando possíveis problemas e satisfações encontradas em um estúdio. Destaca aspectos de fisicalidade que distinguem e singularizam a produção de *stop-motion* em relação a outras formas de animação. Para tanto, oferece dicas de *storyboard*, pré-visualização, altura do cenário, escolha de planos, tecido (no que concerne à indicação de escala e implicações expressivas), paletas de cor (em relação às respostas emocionais).

No capítulo 5, Purves oferece uma classificação pontual de como é importante extrair o máximo de cada elemento da composição narrativa, de forma a não engessá-los como mera peça decorativa. Enquadramento, corte, música, sincronismo labial, fluxo narrativo e efeitos são evidenciados como marcantes elementos que ajudam a contar uma história.

As dicas do último capítulo do livro revelam uma preocupação do autor em evidenciar a importância do equilíbrio emocional do realizador e a necessidade de organização para a produção. Sim, produzir *stop-motion* é massante e é preciso estar minimamente preparado. Longos dias de pé, inclinando-se e alongando-se sob o calor das luzes e em condições de pouco espaço para se movimentar, são peculiaridades físicas na produção para o qual o realizador deve estar preparado. Estas condições fatalmente afetarão o ânimo e, por consequência, o resultado final do trabalho. Mas essa é uma preocupação introdutória do capítulo, “movimento e performance” é sua ênfase principal. Na convergência do título Purves distingue a relação entre design e movimento (pés grandes podem levar a uma caminhar cômico), técnica e mecânica de filmagem, metáforas musicais, velocidade, leitura gestual e *timing*.

Desta forma, é possível concluir que o livro *Stop-motion* de Barry Purves se apresenta como uma leitura essencial para animadores iniciantes ou não. Barry descreve um cenário que parte das origens do *stop-motion* passando por uma quantidade sem precedentes de informações sobre leitura e narrativa, até uma gama de orientações relacionadas ao processo e a realização de um filme de animação. Permite, desta forma, que o leitor possa decidir qual o melhor caminho para transformar as suas necessidades expressivas numa obra de animação.

A Filme Cultura e a pesquisa

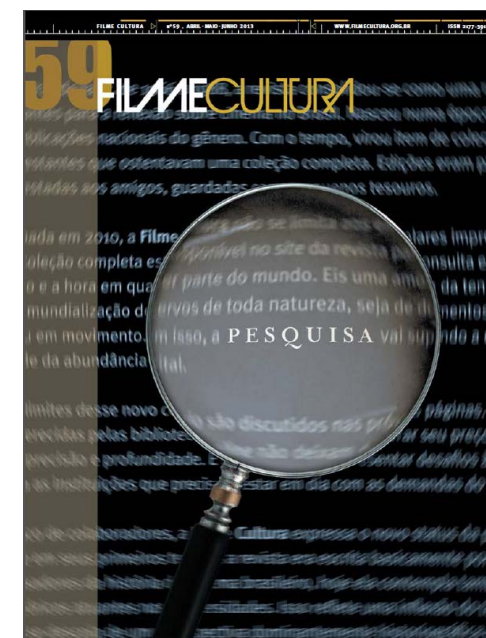
Ivonete Pinto
UFPel

Está circulando a mais recente edição da revista **Filme Cultura** (nº 59), tendo como tema principal a pesquisa. A publicação, que nasceu em 1966, sempre teve seu perfil mais voltado à crítica de filmes, seja a assinada por críticos, jornalistas ou teóricos. De uns tempos para cá, percebe-se que cada vez mais pesquisadores são incluídos entre os colaboradores habituais e a atual edição vem reforçar esse rumo, num reconhecimento para a área, em sintonia com as mudanças no cenário nacional. Ou seja, em sintonia com o visível crescimento do número e da qualidade dos cursos de cinema, da graduação à pós-graduação.

A pesquisa abordada na edição da **Filme Cultura** refere-se ao seu conceito mais abrangente. Os artigos contemplam a pesquisa em documentos, preservação, textos e filmes e analisa o mercado sem esquecer o papel da internet nos novos modos de fazer, divulgar e pensar o cinema.

Editada por dos melhores críticos de cinema de sua geração, Carlos Alberto Mattos, a **Filme Cultura** é produzida pelo Centro Técnico Audiovisual (CTAv), vinculado ao Ministério da Cultura. Cabe aqui um pequeno retrospecto sobre a história da revista, cuja continuidade andou à deriva com a morte de seu diretor Gustavo Dahl. O cineasta, falecido em 2011, foi responsável pela volta da publicação, que estava interrompida desde a edição de número 50. Felizmente, o CTAv e a Associação de Amigos do CTAv, que busca recursos para o projeto, tiveram pulso firme para continuar a empreitada, num trabalho de fôlego e de muito investimento. Quando do retorno da publicação, ela foi reeditada em versão facsimile, reproduzindo as edições de 1966 a 1988, em cinco volumes, onde textos clássicos de críticos e teóricos como Ismail Xavier, Jean-Claude Bernardet, José Carlos Avellar e Moniz Vianna podem ser (re)lidos.

Ao que se saiba, todas as universidades que solicitaram, receberam a caixa completa. Os alunos de cinema, lamentavelmente – até porque



Filme Cultura nº 59
Carlos Alberto Mattos (Ed.)
Centro Técnico Audiovisual, Abril-
Maio-Junho/2013